

## A INTRODUÇÃO DA FILOSOFIA DO LOGOS NO PENSAMENTO CRISTÃO<sup>1</sup>

João Marcos Valvassori Ferreira<sup>2</sup>

### Resumo

O termo *logos* surge fruto da interação Cultural e Filosófica de Heráclito de Éfeso que viveu entre os séculos VI e V a.C., em diálogo com os filósofos de Mileto que falavam sobre o “Dinamismo Universal”<sup>3</sup>. Cria-se então o conceito de “ser racional universal” que seria a força motora em que o universo foi formado. A seguir seria criado o conceito grego de *logos* no qual se atribui as mesmas características. Passando através do período chamado Helenístico, para onde a cultura grega chega ao ocidente e se dissemina aos povos conquistados pelo império romano e com o Estoicismo modelo de governo Romano que impera do século I a.C à II d.C., o termo *logos* vai recebendo diferentes significados até repousar sobre Cristo esperado pelos Judeus. Por fim, com os Apologistas e o Neoplatonismo o conceito encontra um lar definitivo no berço cristão repousando sobre o personagem Jesus que até então, sofria grande incompreensão.

Palavras chave: Logos; Filosofia; Heráclito; Platão; Estoicismo.

### Introdução

O pensamento do *logos* é formulador de doutrinas desde a epistemologia da fé cristã, conseqüentemente compreender a fusão de horizontes que ocorre entre a filosofia grega e a tradição judaica vem a ser essencial para que consiga entender o cristianismo. A fé cristã é inteiramente baseada na pessoa de Jesus Cristo. Assim sendo, conhecer a trajetória do mero carpinteiro de Nazaré até o calvário, e suas implicações filosóficas e culturais dentro da sociedade em que nasceu é buscar entender toda a revolução social provocada pelos primeiros cristãos.

A teologia cristã não nasce de maneira autônoma e isolada, ao contrário da experiência subjetiva com o homem de Nazaré, na qual vem de uma construção social, que por ter origem na tradição judaica esperava-se manifestação do Cristo, mas de outra forma se manifestava nas diferentes crenças e tradições o *logos* grego. O Personagem

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2021 sob orientação do professor Wanderley Pereira da Rosa

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Teologia da Faculdade Unida de Vitória - ES. e-mail: jmvalvassori88@gmail.com

<sup>3</sup> REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2014, p. 35.

primordial no pensamento cristão é que leva em sua companhia toda a confissão de fé cristã a uma herança Greco-Romana, além de sua gnosiologia no pensamento judaico-cristão.

O presente artigo tem como objetivo traçar um panorama geral que permita entender como ocorreu a entrada do pensamento do *logos* grego, no pensamento cristão. Por conseguinte, através da helenização do Oriente, a filosofia grega ganha um papel de grande importância cultural e filosófica na tradição judaica. Explorar esse movimento cultural facilita em demasia na compreensão da figura do *logos* grego encarnado em *Cristo*, no berço da comunidade cristã que surge no primeiro século, bem como as implicações da fé cristã contemporânea.

O pensamento do *logos* é inserido na cultura judaica pelas primeiras comunidades cristãs como uma releitura universal do Cristo. Mesmo que Jesus não tenha sido muito bem aceito pela comunidade judaica, a formação de um novo tipo de judaísmo que pudesse englobar outros povos e culturas nasce a partir da junção de culturas no helenismo.

Logo nos primeiros evangelhos sinóticos nasce uma releitura do antigo testamento, baseada no personagem descrito pelo evangelho Jesus. Isso mostra a marca cultural deixada por Cristo, e o quanto sua vida e teologia converteram-se em fundamentos a uma nova religião que nasce então a partir do judaísmo. Talvez a tarefa mais difícil seja transpor com a mesma eficácia, para a sociedade contemporânea, o que foi tão marcante no pensamento da Igreja antiga, Cristo encarnado habitando em meio ao povo, e contextualizando com a cultura greco-romana vigente em seus dias.

## 1. O Logos e a Tradição Grega

A tradição dos escritos joaninos nos registros do evangelho ao averbar a sua experiência com Jesus encontra no *logos* grego uma oportunidade de contextualização e de ampliação da significância de sua experiência com Jesus. Com a contextualização feita por João, a narratologia de Jesus unida a filosofia do *logos*, ganha um sentido mais abrangente e põe em diálogo tradições judaicas com filosofias gregas platônicas. O sentido dado por João ao *logos* grego é tão vasto que ele encontra descanso na teologia cristã.

A palavra *logos* tem sentido amplo e foi utilizada em diferentes momentos da filosofia, podendo ser considerada um dos primeiros conceitos de “razão” ou “sabedoria”, ou mesmo de “beleza universal”, aquela que expressa a conexão entre uma “entidade universal independente” e a “estrutura racional” do mundo.

Baseado nos filósofos de Mileto e observando os processos naturais (nascer, crescer e frutificar), Heráclito de Éfeso usa o conceito de *logos* para explicar o conceito de “sabedoria”, “substância”, ou “existência”, que está associada ao fenômeno natural. “Heráclito viveu entre os séculos VI e V a.C.”<sup>4</sup>, foi um filósofo grego natural de Éfeso, e apresenta o conceito de que todas as coisas (a “estrutura racional terrena” x “estrutura racional universal independente”) estariam interligadas pelo *logos*. Segundo ele, embora todas as coisas existam como se vivessem de maneira independente e privada, o *logos* é o “eixo” comum, a ligação una entre ambos.

Heráclito passa observar a partir dos filósofos de Mileto que existe um “dinamismo universal”, ou seja, “tudo ocorre”, “tudo se move”, tudo se “transmuta” sem exceção. É o *logos* que faz a mediação entre o “eixo principal” no qual tudo se move e a humanidade sem o *logos* é impossível obter tal contato. O mover do rio, e suas águas faz com que Heráclito pense sobre esse dinamismo que o move e torna incapaz de ser em alguns instantes, o mesmo que é agora.

O rio é “aparentemente” sempre o mesmo, mas, “na realidade”, é constituído por águas sempre novas e diferentes, que sobrevivem e dispersam. Por isso, não se pode descer duas vezes a mesma água do rio, precisamente, pois ao descer pela segunda vez já se trata de outra água que sobreveio.<sup>5</sup>

Essa “estrutura” que move as águas faz com que o jovem envelheça, o velho amadureça, e que da morte surja vida, para Heráclito é o “ser racional universal”. É através dele que nasce harmonia entre os opostos, e para Heráclito – “o princípio” é, portanto, Deus ou o divino. Deus é “dia e noite”, “inverno ou verão”, é guerra e paz à saciedade da fome”<sup>6</sup>.

Heráclito é o primeiro filósofo conhecido por criar um conceito sobre o *logos*, fortemente influenciado pelas concepções dos Órficos, que afirmavam sobre o corpo ser a mortificação da alma e o finamento do corpo como a vida da alma. A verdade é, que

---

<sup>4</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 35.

<sup>5</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 36.

<sup>6</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 37.

os escritos de Heráclito e sua tradição filosófica se perpetuaram no pensamento grego, até Platão eternizar a tradição “mítica” do *logos* na tradição cristã.

### 1.1 Platão o Logos e o Pensamento Metafísico

Platão nasceu em Atenas em 428/427 a.C. apesar de seu nome real ser Aristócles, Platão ficou conhecido pelo apelido, que deriva alguns diriam “*de seu vigor físico ou, como outros diriam da amplitude de extensão de sua testa (em grego Platos significa “amplitude” “largueza”* <sup>7</sup>, e segundo relatos de Aristóteles, Platão foi discípulo de Crátilo<sup>8</sup>. Mais tarde, por volta dos vinte anos Platão foi aprendiz de Sócrates, posto que ainda jovem Platão era um frequentador do círculo de Sócrates com objetivo de aprender filosofia para a própria vida.

Foi com Sócrates que Platão aprendeu os princípios filosóficos, que o conduzia a longos diálogos de perguntas e respostas a respeito do propósito da vida, não obstante ele se recusasse a escrever de maneira sistemática e em todos os meandros das dúvidas, com fugazes perguntas e imprevisíveis revelações que impulsionavam para a verdade sem porém, revelá-la deixando o ouvinte sempre atento e pensativo, e nascia assim o “diálogo Socrático”<sup>9</sup>. Com relação a Platão por mais que fosse importante, simultaneamente entediante explorar os monólogos filosóficos, era expor conteúdos que questionavam até mesmo a essência da própria vida, o que ele chamou de Metafísica, ou seja, é algo para além de si mesmo. *Nesses diálogos muitas vezes o personagem com o qual dialogava era Sócrates, sendo assim “Sócrates” “sai do papel de “pessoa histórica” a “personagem” da ação dialógica”*<sup>10</sup>. Claro que no caso é impossível distinguir o que pertence a “Sócrates” ou a “Platão”, mas Platão leva o crédito pelos diálogos, que posteriormente torna-se o “pensamento platônico”.

Platão recupera e dá um novo significado ao conceito de “mito”, a partir de seus questionamentos e longos diálogos, (que contrariam o pensamento moderno e racionalista a respeito do Mito) Platão atribuía aos “mitos” bastante importância. Estaria entanto a filosofia regredindo de suas prerrogativas, renunciando sua coerência ao desmitificar o mito?

---

<sup>7</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 125.

<sup>8</sup> Crátilo foi um filósofo grego do Século V, discípulo de Heráclito.

<sup>9</sup> REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1994. p 10.

<sup>10</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 131.

Heidegger pensava representar o mito a expressão mais autêntica do pensamento platônico. De fato, o Logos capta o ser, mas não a vida assim, o mito vinha colaborar exatamente para a explicação da vida, que o logos não tinha condições de captar.<sup>11</sup>

Na opinião de Platão a crença passa a se enquadrar como uma *expressão de fé e de crença* e assim sendo o mito não pode ser completo por si só e se completa ao *logos*, e o *logos* passa se fundamentar em seus aspectos religiosos se complementando no credo. Platão confia ao mito à possibilidade de “elevantar” o Espírito a uma visão, ou a um êxtase transcendente. O conceito de transcendência é de que existe algo capaz de se sobrepor a realidade empírica, é todo desenvolvido pela tradição platônica.

A relação entre “mundo material” e “mundo sensível”, ou outra filosofia como a “imaterial” e o “suprassensível” são heranças do pensamento platônico no berço do advento da teologia cristã. Comumente Platão falava sobre a questão da Imanência, ou seja, aquilo que vem de si próprio, que tem seu próprio fim, que surge de si mesmo e a questão da experiência de transcendência, por sua vez, faz menção a algo que tem um fim superior de si mesmo, a transcendência está ligada a metafísica, a algo teórico e racional. Platão discutia a respeito do “mundo sensível” que ia além da imanência e que, portanto, era superior ao mundo material.

Independentemente que Platão tenha deixado suas filosofias escritas, para ele o real sentido da vida, do bem, estava na transmissão oral da “palavra”. O *logos* é essa palavra eficaz que é capaz de libertar a alma da matéria. Para Platão somente por meio do *logos* é possível fazer uma transmissão pura, visto que a palavra escrita é contaminada pelo “mundo sensível”. “A escritura só faz aumentar a aparência (doxa) do saber não fortalecendo a memória, mas oferecendo meios para trazer à memória aquilo que de antemão já era conhecido pela alma.”<sup>12</sup>

O *logos* é, portanto, para Platão a “essência da Palavra”, a “verdade Universal” que pode ser utilizada para transpor em palavras aquilo que é “real” no mundo “suprassensível”. Esse “eixo” traçado pelo *logos* então torna capaz de trazer a “recordação” aquilo que acontece no mundo “suprassensível”, e assim libertar o “mundo sensível”.

O divino ou Deus é muitas vezes citado a partir dos diálogos platônicos, e as concepções neoplatônicas influenciaram toda a base da teologia da reforma, mas em um

---

<sup>11</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 131-132.

<sup>12</sup> LUZ, Ana Rosa Lessa. *O Logos Inspirado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, p. 59.

primeiro momento talvez haja um pouco de dificuldade em se compreender qual o significado dessa figura divina para Platão e seus discursos. A partir da definição de mundo “suprassensível”<sup>13</sup> e da aceitação de um mundo Inteligível em uma relação metafísica, alguém chega a sugerir que *Platão seja o “pai da teologia ocidental”*. “*Sob esse aspecto Platão é indubitavelmente o criador da teologia ocidental, enquanto descobriu a categoria do imaterial à luz da qual o divino é pensável*”.<sup>14</sup> Assim é necessário ponderar a linguagem de acesso ao divino poderia ser expressa também pelo “mundo das Ideias”<sup>15</sup>, ganhando assim, Deus um significado, um lugar de ser, uma razão para ser, mas diferente da concepção pessoal e relacional de divindade do ocidente.

Manifesta-se ainda a ideia de queda da alma, de ser vivente no mundo “sensível” ou espiritual, para sua escravidão terrena em um corpo físico. Platão inaugura a abstração de libertar a alma da escravidão do corpo, e ser elevado a uma condição acima do “mundo material”. Esses pensamentos perpetuam nas igrejas cristãs, nos místicos do evangelho, mas também aparecem nos primórdios da igreja.

Até então a influência platônica sobre o deus de Aristóteles, o “divino sem forma e sem matéria, perfeito em si mesmo”<sup>16</sup>. O conceito de Aristóteles é de que Deus não tinha forma em si mesmo, mas de forma perfeita, ele movimentava o mundo, não casualmente empurrando o mundo de fora, atraindo para si todas as coisas boas, por meio do amor. Aristóteles entendia que Deus, ou o “Actus Purus”<sup>17</sup> (Ato Puro), move todas as coisas para ser amado por todas as coisas, a fim de que, todas as coisas sejam libertadas da matéria, que é inferior e escraviza.

Seguramente a Grécia não só era fonte das filosofias, mas também influenciadora de várias linhas de pensamentos. Os reinos quase sempre possuíam uma casta local onde suas práticas sagradas eram profundamente ligadas aos detentores do poder. Desprovidos de reinos os gregos desenvolveram suas filosofias a partir do esforço por compreender o mundo de maneira independente aos poderes e tradições.

No século IV, Platão e seu discípulo Aristóteles criam as primeiras escolas filosóficas, a Academia e o Liceu, influenciada no pensamento Platônico, que pregava a

---

<sup>13</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 131.

<sup>14</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 144.

<sup>15</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 132.

<sup>16</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 144.

<sup>17</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 144

relação de liberdade da imanência corrompida através do contato com a transcendência (relação entre o mundo material e o mundo sensível), o Estoicismo introduz a teologia cristã ao pensamento de Heráclito, dando ao *logos* o “poder divino sobre toda a realidade”.

## 1.2 O Estoicismo Romano e a Relação com o *Logos*

O Estoicismo desenvolve-se a partir de seu primeiro líder Zenão de Cício (322 a.C. – 262 a.C.), que depois de ter sido discípulo de Crates, fundou a Escola Estoica cerca de 300 a.C.; Cleanto de Assos (312-232) e Crisipo (227-204 a.C.). O Estoicismo médio é representado essencialmente por Panécio (180-110) e Possidônio (135-51), que tiveram o grande mérito histórico de introduzir o estoicismo em Roma.

Zenão chegou a Atenas por volta dos 22 anos, era magro, fisicamente fraco, de rosto sério, andou com poucas companhias. “Durante uma dezena de anos, seguiu os ensinamentos de três correntes que tinham sua origem em Sócrates: os Megáricos, dialéticos dos quais não restou quase nada e os cínicos, sobretudo a Academia”<sup>18</sup>. Zenão abriu sua própria escola em 301 a.C., cinco anos antes de Epicuro, sob o pórtico de Atenas, chamado Pórtico das Pinturas (*stoa poikile*) daí o nome Estoico.

Os estoicos vão, então, rapidamente se encontrar na posição de educadores em um mundo helenístico em plena expansão cultural, científica e social, posição que os epicuristas disputam com eles, pois procuravam à calma e o recolhimento entre amigos no jardim do mestre, longe da multidão que se comprimia nos pórticos da cidade.<sup>19</sup>

Zenão foi considerado por Aristóteles como o criador da dialética, posto que Zenão foi o primeiro a fazer uma espécie “de dicotomia”, na qual fala sobre a “multiplicidade dos seres”, “...é necessário que existam aquelas múltiplas unidades da qual justamente, a multiplicidade é constituída.”<sup>20</sup>. Deste modo, ele cria quatro argumentações para a chamada dialética. A primeira afirma que a Multiplicidade dos seres devem ser “infinitamente pequenos” ou “infinitamente grandes”, ao ponto que o infinito não encontre plenitude a não ser na multiplicidade<sup>21</sup>. A segunda argumentação é que os seres deveriam ser ao mesmo tempo “infinito” e “finito”, ou seja, os seres

<sup>18</sup> DUHOT, Jean Joel. *Epicteto e a sabedoria Estoica*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 22.

<sup>19</sup> DUHOT, 2006, p. 25.

<sup>20</sup> REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. vol. I. São Paulo: Loyola, 1994, p. 121.

<sup>21</sup> DUHOT, 2006, p. 25

deveriam ser “tantos quantos são, e não mais e nem menos”<sup>22</sup>, afirmando sobre a característica finita dos seres, mas ele ainda afirma que um ser, existe no outro e essa característica da multiplicidade torna os seres infinitos. A terceira argumentação dá-se em relação ao espaço, na qual um ser pode transformar-se em múltiplo. Zenão argumentava que se existe espaço, ele também está inserido em outro espaço, o que torna o espaço múltiplo infinito. A quarta argumentação e última, refere-se à questão das contradições, falando sobre a relação contraditória entre os seres múltiplos.

Na verdade o pensamento da dialética Zenoniana foi absorvido pelos chamados estoicos, sendo influenciado até pelos pré-Socráticos, os Megáricos, que usualmente contribuiu fortemente para o pensamento do *logos* e da lógica. A despeito das diferenças no pensamento estoico, toda linha de pensamento tem em sua epistemologia ligada à multiplicidade dos seres.

O novo estoicismo desenvolveu-se em Roma sob o império e está ligado a três grandes nomes, sendo eles: Sêneca (0-65 d.C.), Epitecto um escravo, (50-125 d.C.) e o imperador Marco Aurélio (121-180). Os Estoicos eram inicialmente formados por gregos, que mais tarde se tornaram imperadores Romanos (como Marco Aurélio), utilizaram também o conceito do *logos* aplicados a seus sistemas políticos.

São os estoicos que dão ao *logos* o conceito de sabedoria, de onde despontaria toda sabedoria dos humanos. Para os estoicos todo contato com o saber, com a natureza e com a filosofia é mediado pelo contato com o *logos*. Eles acreditavam nos princípios deterministas, como destino e moral, e acreditavam que o *logos* era uma espécie de Pneuma (espírito) que unia todo o cosmos, desse jeito nada acontece por acaso ou sem uma razão, tudo passa pelo *logos*.

O primeiro é a Lei da natureza. *Logos* é o princípio determinante do movimento de todas as coisas. É a semente divina, o poder divino criador, que faz com que as coisas sejam o que são. E é o poder criativo do movimento de todas as coisas. Em segundo lugar, *logos* significa lei moral. Podemos chamá-la, com Kant, de “razão prática”, a lei inata em todos os seres humanos que se aceitam com personalidade, com a dignidade e a grandeza do ser humano. Ao lermos a expressão “lei natural” em obras clássicas, não devemos confundi-la com leis físicas, mas entendê-la como lei moral. Por exemplo, quando se fala de “direitos humanos” na condição americana, está se falando de lei natural. Em terceiro lugar, *logos* também significa a capacidade humana de reconhecer a realidade, é o que se pode

---

<sup>22</sup> REALE, 1992, p. 123.



chamar de “razão teórica”. Trata-se da capacidade humana da razão. Tendo o *logos* em si, o homem pode descobri-lo também na natureza e na história.<sup>23</sup>

### 1.3 O *Logos* e a Relação com a Sabedoria para os Estoicos;

Para os estoicos é o movimento do *logos* descoberto na natureza que dá origem ao *logikus*, de onde vem à lógica e a sabedoria Estoica. Apesar de tal crença, o pensamento estoico não era tão otimista, para eles, poucos se tornariam sábios, a grande maioria permaneceria em estado de insensatez. Conquistas como o direito à cidadania romano universal (apelo utilizado por Paulo em sua terceira prisão), direito concedido inclusive a mulheres e crianças (que antes eram considerados como escravos). A caracterização de um estado abrangedor foi criada a partir do discernimento de que quaisquer eram oriundos do *logos*, então todos poderiam alcançar a sabedoria em algum patamar. Não havia crença em pecado e salvação por parte dos estoicos, mas eles exprimiam em um conceito de insensatez e para lutar contra a imprudência era necessário descobrir o *logos*, a sabedoria, que se revelava na vida cotidiana, no contato com a natureza e com as pessoas.

A abstração de Deus, de divindade, estrutura racional universal independente, ou seja, o nome que está presente praticamente todas as culturas, dos contos míticos aos cultos pagãos, do monoteísmo, ao politeísmo, do panteísmo aos orixás, a verdade é que a percepção platônica de transcendência, não é apenas um conceito filosófico que perpetua-se nas diferentes culturas até atualmente, mas é igualmente uma necessidade da alma humana. A experiência com a transcendência eleva o ser humano culturalmente, lhe dá traços sociais únicos, que expressa sua fé por meio da diversidade religiosa.

Apesar da ideia de Deus ser inata aos seres humanos, Deus recebe diferentes culturas e tradições, assim como, diferentes características e atribuições que são eminentes de cada cultura local, ou tradição de determinado povo. Prontamente tradições locais atribuem à divindade características únicas que são ligadas a sua tradição. Os deuses gregos, por exemplo, não têm familiaridade com os deuses hindus, que nem sempre serão semelhantes à divindade cristã apresentada pela bíblia.

O Deus do Antigo Testamento bíblico tem uma característica comum a tradição do *logos*, por este motivo encontra seu espaço na teologia cristã. O Altíssimo do velho

---

<sup>23</sup> TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2000, p. 30.

testamento é o Deus Criador, o todo poderoso e mesmo ao fazer afirmações tão subjetivas sobre Deus, elas implicam em dizer que o onipotente está presente em tudo o que ele movimenta. A tradição estoica traz consigo essa herança, de que o *logos* movimenta todas as coisas, e que por meio da sabedoria, da natureza, o *logos* intervém em todas as coisas. Em consequência a tradição cristã, não tem dificuldade em receber a tradição do *logos*, que é o princípio gerador, aquele que cria e movimenta todas as coisas, afinal essa característica já estava presente no Jeová criador do Antigo Testamento, de acordo com Genesis 1.1 “No princípio criou Deus todas as coisas”.

O *logos* é à lógica de um Deus todo poderoso revelando a sua criação. O *logos* não é um reflexo de Deus, ou um pedaço de Deus, o *logos* é a plenitude de Deus se revelando em sua criação, é a natureza invisível e imutável de Deus, manifestando-se de forma natural. O *logos* é a obra-prima de Deus pai, é a inteligência em si mesmo, a sabedoria revelando-se ao tolo, o *logos* acontecendo naturalmente, a auto-manifestação da divindade. O *logos* é eternamente lógico Como dizia Antenágoras o apologista.

O *logos* é o princípio do auto manifestação de Deus. É Deus manifesto em si mesmo, a si mesmo. Portanto, onde quer que Deus apareça, a si mesmo ou a outros, é sempre o *logos* que aparece. Este *logos* está em Jesus, o Cristo, de maneira especial. É o que, segundo os apologistas faz a grandeza do cristianismo e a base de sua reivindicação salvadora. Pois se o *logos* divino não tivesse aparecido em sua plenitude em Jesus, o Cristo, nenhuma salvação seria possível.<sup>24</sup>

## 2. Fílon de Alexandria

Apesar de saber muito pouco sobre a origem de Fílon de Alexandria, era judeu, seu nascimento é dado por volta do ano 20 a.C. e sua morte por volta do ano 50 d.C. Sua vida e obras transcorre por volta do ano 38 d.C. até 41 d.C., quando ele lidera a embaixada do imperador Caio Calígula na condição de representantes dos judeus alexandrinos.

Independentemente que fosse membro de uma família importante, Fílon é citado pelo historiador Flavio Josefo, mas sabe-se muito pouco de sua vida pessoal. Não se pode datar com precisão as obras de Fílon, mas os cristãos dos primeiros séculos

---

<sup>24</sup> TILLICH, 2000, p. 50.

preservaram não somente seus escritos, como sua tradição filosófica em seus ensinamentos e gnosiologias. As filosofias propostas por Fílon foram muito aceitas pela comunidade cristã.

Os primeiros cristãos, que muito se referem a Fílon e seus textos de diferentes formas, utilizando-se largamente de suas ideias no desenvolvimento das especulações cristãs, tendo origem aí as considerações acerca da relação de seu autor com a tradição filosófica.<sup>25</sup>

A despeito de não se conhecer algum autor cristão do primeiro século, e não ter citações diretas das obras de Fílon, seus escritos são certamente uma ponte doutrinária que vincula em si, o pensamento grego com a teologia cristã. Fílon poderia ter conhecido o apóstolo Pedro e possivelmente até o evangelista Marcos “ (fundador da igreja cristã em Alexandria), a partir do que se especulou sobre a cristandade de Fílon e a identificação dos Terapeutas do *De vita contemplativa* como uma comunidade proto-cristã”<sup>26</sup>. Essa vinculação faz os escritos de Fílon serem lidos por judeus até a idade média.

Existe uma relação clara entre o *logos* joanino e o filoniano. Assim, a aproximação de tais filosofias, é bem recebida pelos primeiros cristãos e dura pelo menos sete séculos. É impossível ler as obras de Fílon e não perceber sua ligação forte com o estoicismo romano. Embora perceba-se que Fílon bebe das fontes gregas e romanas, ele pode ser considerado mais um crítico do pensamento estoico, do que propriamente um seguidor. Fílon diverge do estoicismo em conceitos como de “filosofia (que consiste em mero saber humano) e sabedoria (que resulta da inspiração divina)”<sup>27</sup>, não obstante ele cita o conceito estoico para os dois termos. A vista disso, em Fílon fica nítida a influência platônica, ele usa o mesmo conceito proposto por Platão para Deus, como Alma, sabedoria e universo. Fílon tem dificuldade de conceber a perfeição, ou Deus como algo natural.

Ao proferir o conceito divinizado de perfeição, se torna impossível para Fílon conceber a perfeição divina no homem. A imatéria contém em si a perfeição, mas a matéria já é em si conseqüentemente má. Nesse ponto existe uma seríssima divergência entre as doutrinas de Fílon e os estoicos. Os estoicos negam em si a transcendência e as percepções platônicas.

---

<sup>25</sup> MORAES, Dax. *O Logos em Fílon de Alexandria*. Natal: EDUFRRN, 2017, p. 20.

<sup>26</sup> MORAES, 2017, p. 21.

<sup>27</sup> MORAES, 2017, p. 59.

Desse modo, também são rejeitadas teorias estoicas que se referem a tópicos fundamentais da obra de Fílon, tais como a da criação do mundo e a da alma – designada por termos estoicos, mas fora de seu contexto conceptual. Mesmo a ética filoniana sofre uma influência apenas terminológica, haja vista a defesa que Fílon faz do mundo inteligível, da liberdade de ação e de uma moral prática à moda peripatética, elementos que, como veremos, não podem ser alienados do pensamento filoniano sem comprometer todo o seu conjunto.<sup>28</sup>

Só a ocorrência dos estoicos negarem a realidade da imatéria, ou o “mundo suprassensível” de Platão, já são pra Fílon sinônimos de impiedade e que o distanciam da filosofia estoica. Fílon cita em seu texto *De specialibus legibus* (FÍLON, 1958f, I, §§327-329, §344)<sup>29</sup>. A contradição da filosofia estoica em suas teorias sobre materialidade, onde reduzem a sabedoria a um conceito de imanência das qualidades e potencialidades humanas, que não explicam porque da permanência na forma em que estão (humanos/encarnados). Crítica ainda a recusa do pensamento Aristotélico, a plena aceitação dos pensamentos platônicos o que tornaria a evolução da matéria algo lógica, nesse caso o não se poderia permanecer na matéria, mas apenas “habitar”, portanto um retorno ao dualismo platônico.

Por exemplo, se a matéria não é viva (móvida, *animada*) por si mesma, mas por uma alma (em latim, *anima*), esta alma, que é o princípio de permanência do ser vivente como tal, deve ser outra coisa, a qual, se não é captada pelos sentidos, ou seja, se não é sensível, é inteligível, podendo ser apreendida pelo pensamento, e apenas por ele.<sup>30</sup>

Sendo assim, afirmar a alma como matéria torna-se uma incoerência reconhecida e denunciada por Fílon. Dessa maneira, se a alma habita na matéria, então a matéria seria composta por duas substâncias (uma mortal, outra eterna). Assim, ao negar a impossibilidade de se existirem duas substâncias, Fílon crítica o estoicismo e rompe com o platonismo buscando reformar ou reorientar o curso de seu tempo.

## 2.1 O Logos em Fílon de Alexandria

---

<sup>28</sup> MORAES, 2017, p. 59.

<sup>29</sup> MORAES, 2017, p. 60.

<sup>30</sup> MORAES, 2017, p. 60.

Durante o conceito de *logos* para os gregos estava todo ligado a palavra falada, para Fílon isso seria reduzir a racionalidade imanente a matéria, a plenitude de tal palavra. Nesse seguimento para Fílon usar o conceito de *logos* era também ressignificar as figuras da filosofia estoica. A primeira crítica de Fílon é de que os estoicos não utilizam a palavra *logos* ao se referirem a imatéria, apenas com o sentido de princípio imanente ao mundo com sua alma ou intelecto.

Considerando que Fílon era judeu, ficava difícil distinguir as diferenças entre a palavra e a sabedoria, dado que no velho testamento os dois conceitos se misturam. Por isso consegue-se perceber que a crítica feita por Fílon aos estoicos está ligada ao seu conceito de sabedoria, que é um conceito divinizado. Conforme Fílon somente Deus é sábio, e por essa razão somente ele é a fonte legítima de todo conhecimento, de toda palavra. Atingir a sabedoria para Fílon é conhecer o *logos*, renascer em direção a vida eterna, deixar o humano e fazer-se semelhante ao divino.

Sendo assim, para Fílon o *logos* e Deus não podem pertencer ao mundo material. No pensamento de Fílon o *logos* ganha uma dimensão transcendente. O *logos* transfigura-se uma mediação entre a raça humana e a divindade. Mesmo negando a origem natural de Deus, o conceito de divindade, perfeição, palavra, não pode ser compreendido para Fílon sem a compreensão da ordem natural proposta por Heráclito.

Nosso autor não admite que a criatura seja identificada com o Criador de quem deriva e seja exaltada em seu lugar. Afinal, o “objeto” ao qual remete a palavra divina, ou seja, a Ideia na mente de Deus, não se confunde com a palavra pela qual é expresso ou, em termos criacionistas, a Palavra por meio da qual o projeto de Deus vem a ser como criatura real.<sup>31</sup>

Existe uma profunda separação para Fílon de tudo que é mortal, mutável, criado e profano de Deus. Deus é imutável, imortal e santo. Dessarte, ele anunciava um Deus a partir da revelação. Se Deus é completamente desconhecido a revelação natural, é impossível se conhecer a Jeová por meio da vida natural. Antes de mais nada, Deus é a Plenitude, a Perfeição, e nem o *logos* pode revelar essa plenitude. Posto que essa visão de plenitude a respeito da divindade retorna o discurso de Fílon questionável quando pensado, que se ele é a plenitude, ele também imana através de sua criação o que é inadmissível no pensamento filoniano.

No entanto, dessa natureza divina e incorpórea, o Logos filoniano adquire uma nova dimensão, pela qual serve de ligação mais íntima entre as criaturas

---

<sup>31</sup> MORAES, 2017, p. 70.

e seu Criador: a da imanência, descrita, de fato, em termos do *logos spermatikos* dos estoicos. Mas isso não nos deve impedir de enxergar profundas diferenças, mesmo porque, do ponto de vista do panteísmo estoico, o *logos* espermático não é distinto de Deus, da mente, ou alma do mundo.<sup>32</sup>

Por meio dessa distinção clara entre “universo sensível” e o mundo “suprassensível”<sup>33</sup>, o *logos* aparece como que encarnado no mundo sensível, assim como, a alma no corpo. Essa posição faz com que muitos encontrem semelhança entre os escritos de Fílon e o prólogo do evangelho de João. No entanto, o que nos interessa nesse momento é entender que o *logos* é esse instrumento motor a criação divina, ou “instrumento da divina providência ou preservação do mundo”<sup>34</sup>. O *logos* filoniano tem muitas semelhanças com o *logos* espermático dos estoicos, “não se deve, neste caso, ater a um mero empréstimo terminológico, evidentemente – parece – devido a um reconhecimento, por parte de Fílon, de que a expressão estoica exprime com precisão a função do *Logos* imanente”<sup>35</sup>, ou seja, embora exista uma semelhança quanto ao signo do *logos*, a filosofia filoniana dá uma nova significância ao *logos* estoico, decorrendo assim uma discrepância entre a natureza de um e de outro. Fílon do significado de espermático, ou seminal que são propostas diferentes das conhecidas da origem platônica e aristotélica, e, malgrado não se saiba de onde sobreveio tal expressão ela “cai como uma luva”. “Fílon modifica seu significado, chegando mesmo a diferenciar seu *Logos* imanente da alma (ou intelecto) do mundo, que, por sua vez, passa a corresponder ao próprio Deus e todavia, figurativamente.”<sup>36</sup>

O *logos* filoniano reúne em si, por conseguinte, uma ponte entre o *logos* imanente dos estoicos, e o *logos* puramente transcendental que Platão cria e que passa a ser adotado pelos cristãos. Contudo a noção de verdade constitui a matéria-prima do nosso ser, muito embora ela seja incapaz de ser alcançada devido a nossa imperfeição, ou escravidão na matéria. A filosofia filoniana também concentra em si a verdade falada, ou expressa, o conceito de *logos* ligado ao intelecto, e a capacidade de transmitir tal verdade de maneira oral e alegórica. Portanto era de alguma maneira inconcebível pensar no *logos* cristão encarnado.

---

<sup>32</sup> MORAES, 2017, p. 76.

<sup>33</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 131.

<sup>34</sup> MORAES, 2017, p. 77.

<sup>35</sup> MORAES, 2017, p. 78.

<sup>36</sup> MORAES, 2017, p. 79.

De forma alguma a perfeição relativa do Logos poderia se realizar na carne, ela mesma condição típica para a imperfeição, para a *desproporcionalidade* entre inteligência e sentimento, mas é exatamente isso o que diz, *com toda a clareza*, o versículo 14 do primeiro capítulo do Evangelho de João – o último da passagem que fala da “Encarnação do Verbo”.<sup>37</sup>

Conquanto toda a literatura cristã sustente-se no conceito de verdade como encarnação, percebe-se que isso era inconcebível, de alguma maneira até grosseiro a filosofia filoniana. Em direção que se encontre, inclusive espaço para os escritos cristãos dos primeiros séculos tenta-se atribuir ao filho de Deus um significado que vai além de filho do homem pois não há um homem que em carne possa ser concebido de maneira tão divinizada. Um ser tão divinizado, com um intelecto livre, deveria ser também livre de seu corpo e de sua matéria. Concerne-se, portanto, de tradições diversas, em que parte a verdade é pra ambos um conceito essencial, mas o *logos* como verdade tem significados, e significância antagônicas pra ambos públicos.

## 2.2 Justino Mártir e os Apologistas

A literatura “cristã” da época era mantida dentro da comunidade dos cristãos convertidos. Prontamente essa literatura era desconhecida aos poderes romanos, que perseguiram firmemente os cristãos do primeiro século. Nos primeiros séculos havia literatura pagã, de muitos que perseguidos pelo império Romano deixavam seus relatos. Um dos primeiros movimentos internos que alçam dentro do cristianismo primitivo, são os chamados Apologistas, que buscam de início defender os escritos cristãos, e encontrar pontos comuns a fé para poder se proteger do império e da literatura pagã. Apesar da compreensão de defender a fé cristã, a literatura cristã e as discussões a respeito da fé não eram tão massificadas quanto parece. Os escritos eram todos em Grego e assim tudo se limitava a aqueles que tinham acesso à leitura. “Eles falam a poucas pessoas cultas, englobando governantes do Império Romano. Dirigem-se a eles individualmente como homens de ala cultura (Paideia), que enfrentarão o problema com o espírito filosófico.”<sup>38</sup>

A defesa cristã tinha que pegar emprestada argumentações filosóficas. Nesse contexto já não havia grandes filósofos como Sócrates e Platão, mas os ensinamentos dos Estoicos a respeito do princípio divino e sobre o *logos*, restituíam Sócrates e sua

<sup>37</sup> MORAES, 2017, p. 157.

<sup>38</sup> JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Santo André: Academia Cristã, 2014, p. 39.

morte como um martírio, típico dos autores do antigo testamento, elevando assim os pensamentos filosóficos gregos a penetrar em toda epistemologia da fé cristã.

Justino foi um dos mais importantes apologistas, foi através Justino que a tradição do *logos* encontra abertura na teologia cristã. Para Justino, ao mencionar o cristianismo como a única filosofia adequada, é necessário entender o conceito de filosofia para a época. Filosofia na época era um conceito espiritual fora da magia e superstição, ou seja, ao afirmar o encontro com uma filosofia coerente, Justino está afirmando que de maneira natural, sem influências mágicas ou supersticiosas, ele encontrou na filosofia (cristianismo), respostas para suas mais profundas indagações. Justino o Mártir, nasceu na região Sirio-palestinense, viveu entre o ano 100-165 d.C., estudou retórica, poesia e história, e após surgir interesse pela filosofia pesquisou o estoicismo e o platonismo, que lhe serviram de base para sua construção teológica. Via de regra o platonismo de Justino, é um médio platonismo, ele antecipadamente conduz consigo forte influência dos estoicos. “*Justino o apologista quando compara a aparência do logos divino em Sócrates e em Jesus Cristo, diz que Sócrates revelou entre os gregos o que Cristo, quando o logos tomou a forma humana nele, ensinou entre os bárbaros.*”<sup>39</sup>.

### 3. O Logos como Verdade Cristã

Considerando Justino a verdade Cristã, a exatidão do *logos*, era uma verdade universal, portanto em qualquer lugar, ou qualquer cultura, a realidade do *logos* criador, gerador de todas as coisas, em especial o *logos* cristão, deveria ser analisado como fidedignidade absoluta. Com ênfase em chegar ao conceito de sabedoria e veracidade afirmava “tudo que já foi dito a respeito da verdade pertence a nós, cristãos”<sup>40</sup>. Não era com prepotência, ou, não havia manifestação de arrogância no discurso de Justino, na verdade essas afirmações vinham, junto ao sentido de que os cristãos tinham o *logos* (apresentado e encarnado em Jesus) e agora, tem-se o *logos*, o criador, o pneuma que deu início a tudo, como poderia haver verdade fora dele? De acordo Justino “os que vivem pelo *logos* são cristãos”, isso compreende Sócrates, Heráclito, Elias, afinal para

---

<sup>39</sup> JAEGER, 2014, p. 42.

<sup>40</sup> TILLICH, 2000, p. 49.



Justino, o *logos* em sua plenitude se apresentou em Jesus, mas ele vem se revelando ao longo da história.

Ele afirmava que os cristãos dos tempos antigos conheciam a palavra apenas parcialmente, “Eles apenas conhecem as verdades que a Palavra lhes revelou, mas eles não puderam contemplar a Palavra. Esta Palavra, contudo, fez-se carne, e deste modo os cristãos conhecem a palavra "inteiramente”<sup>41</sup>.

Justino faz a diferenciação entre o *logos* seminal, que é a verdade inerente universal, aquela que pode ser desenvolvida por todo ser humano, na veracidade para Justino a ação do ser humano já era fruto da semente do *logos* agindo, ou melhor, somente o *logos* pode trazer certas iluminações que não são naturais. Por isso, ele diz que os antigos puderam conhecer apenas um pedaço do *logos*, Platão só pode conhecer aquilo que o *logos* o iluminou a conhecer. Por esse motivo os cristãos podem discernir, entre os ensinamentos filosóficos, quais são as palavras de precisão, afinal agora eles têm uma relação completa com o *logos* encarnado.

Para os apologistas, Cristianismo não era uma religião. Na verdade, para os apologistas chamar o cristianismo de religião é minimizar a experiência com o *logos*. O *logos* em Justino significa a plenitude da verdade, toda a revelação da autenticidade, portanto, não se trata apenas de uma religião, é o próprio Deus revelando-se através do *logos*, a doutrina do *logos* entra agora nos fundamentos do cristianismo. O *logos* é Deus aparecendo no tempo e espaço, encarnado em Jesus Cristo. Afinal, se houve algum tempo ou espaço que não pudesse receber Jesus como *Logos*, Jesus não poderia ter sido o Cristo, mas é exatamente por essa fusão de horizontes que o *logos* se torna a verdade universal encontrada e aplicada em Jesus Cristo.

Não estamos dizendo que Jesus, em quem o *logos* apareceu, saiba toda a verdade; essa afirmação não tem sentido e destruiria a sua humanidade. Estamos afirmando, isso sim, que a verdade fundamental nele visível é essencialmente universal e, portanto, capaz de abranger qualquer outra manifestação da verdade<sup>42</sup>.

Com o advento do *logos*, os apologistas reiteram que qualquer pessoa menos educada poderia chegar à sabedoria por intermédio do *logos*, quer dizer, eles estavam contradizendo os padrões da filosofia, com o argumento de que o cristianismo era imensamente superior aos debates filosóficos. Consequentemente, a mensagem do

---

<sup>41</sup> GONZALEZ, Justo L. *Uma História Do Pensamento Cristão*. Vol. I. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 101.

<sup>42</sup> TILLICH, 2000, p. 49.

cristianismo era universal e poderia se manifestar em todos os povos, em todas as classes, grupos sociais da humanidade.

Justino tem algumas doutrinas particulares quando se refere ao “*logos-filho*” e Deus Pai, que foi uma inteligente adaptação ao conceito Estoico de “*logos* proferido”, conceito que Fílon já havia utilizado. “Como princípio antes de todas as criaturas, Deus gerou de si mesmo certa potência racional (*loghiké*), que o Espírito Santo chama ora “glória do Senhor, ora “Sabedoria” ora “Anjo”, “Deus”, “Senhor” e Logos (=Verbo, Palavra) ...”<sup>43</sup>.

O platônico Justino conhecia muito bem as questões ligadas ao corpo corruptível, e cria nas questões ligadas a liberdade da alma. Desta forma para Justino a alma não poderia ser incorruptível, ela era corruptível por conta própria. Diante disso, ele escreve e enfatiza “tudo que existe fora de Deus é corruptível”<sup>44</sup>, afirmando que tudo pode desaparecer e não voltar a existir.

Outra argumentação forte utilizada pelos apologistas era o poder moral gerado pelo *logos* nos cristãos, assim eles não iriam se opor nem ao império romano, e com seus princípios e valores adquiridos por meio do conhecimento do *logos*, não deixariam também a sociedade se afundar em um caos. Na realidade, as entidades religiosas em dado momento passam a manter a ordem social até mesmo mais que os poderes (governos e impérios) atuantes sobre ela.

Acaso todo empenho dos filósofos não se dirige a Deus, e não são suas Inquirições sempre concernidas ao governo do universo e a providência, ou não é a tarefa da filosofia examinar o problema do Divino? E o filósofo grego não nega isso, mas toma por certo.<sup>45</sup>

Com o pouco acesso aos textos do novo testamento em mãos nos II primeiros séculos, e com o conhecimento do *logos* popularizados, devido a filosofias pré-existentes, o dogma da trindade começa a se instaurar na igreja e no povo cristão a partir do segundo século.

Como pode Deus Pai, ser também o Pneuma (Espírito) que move tudo, e agora ter encarnado na pessoa de Jesus o Cristo. Afinal, a questão agora não era mais explicar Deus com Deus, e sim uma relação pessoal de Jeová com o homem encarnado em Jesus, o paradoxo do Deus encarnado, principalmente após o espaço que filosofia platônica

---

<sup>43</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 408.

<sup>44</sup> REALE; ANTISERI, 2014, p. 409.

<sup>45</sup> JAEGER, 2014, p. 44.

ocupava entre os cristãos. Como explicar a possibilidade de Deus encarnar em Jesus, habitar em meio à humanidade, e falecer como homem, era necessárias explicações mais profundas sobre a temática.

Em resumo desde o começo, cristianismo existiu como a mensagem de que “Deus amou o mundo de tal maneira” que se tornou parte dele. Cristianismo não é uma doutrina etérea, eterna, sobre a natureza de Deus, mas a presença de Deus no mundo, na pessoa de Jesus Cristo. O cristianismo é a encarnação, e, portanto, existe no concreto e no histórico.<sup>46</sup>

O cristianismo teve grandes pensadores no período dos Apologistas do século II, mas agora o nível intelectual precisava se desenvolver com mais personalidade na tradução dos escritos e criação de doutrinas de fé. A capital da sabedoria Helenista era Alexandria, e de lá vieram os primeiros grandes pensadores.

### 3.1 Clemente de Alexandria

O cristianismo sobrevém em meio ao judaísmo, e inicialmente é considerado como uma vertente judaizante. Em seguida a destruição do templo em 73 d.C. o cristianismo passa a se distinguir de sua origem judaica e se mesclar aos gentios convertidos pós destruição do templo. Apesar de toda influência exercida pelos gregos sobre os primeiros cristãos em suas epistemologias de fé, existia um conflito sobre a aceitação ou não da influência das filosofias gregas sobre o cristianismo. Mesmo que Fílon tenha proposto uma junção de sentidos á influencia grega, e os apologistas tenham ressignificado alguns pontos de vista já conhecidos da filosofia grega, é Clemente de Alexandria que dá o devido valor ao pensamento grego e propõe uma espécie de reconciliação entre o pensamento cristão e a filosofia grega. Tito Flávio Clemente nasceu em Atenas por volta do ano 150 d.C., e ganhou grande destaque por sua aproximação entre a filosofia grega e o cristianismo na escola em Alexandria. Por volta do ano 180 d.C. ele se converte ao cristianismo e tornando-se um discípulo de Panteno, “tornou-se aluno, colaborador, e, por fim, sucessor”<sup>47</sup>.

Clemente assemelha ter dado continuidade a obra de Justino, uma vez que para o mesmo o cristianismo era a revelação que faltava para se completar a filosofia grega. O *logos* para Clemente possuía um papel pedagógico, por conseguinte, poderia agir com

---

<sup>46</sup> GONZALEZ, 2004, p. 29.

<sup>47</sup> REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. vol. I. São Paulo: Paulus, 1990, p. 411.

severidade a fim de ensinar a “verdade” contida em sua pedagogia. Para Clemente todos os seres humanos são orientados pelo *logos*, dessa maneira ele não cria em nenhuma espécie de aristocracia, afinal do mais neófito na fé poderia receber do *logos* a revelação da verdade.

Embora Clemente dialogasse bem com a filosofia grega para ele o cristianismo era a verdade universal, portanto, o mundo era dividido em paganismo e cristianismo. Para Clemente, Cristo é essa verdade, e alimenta isso a partir de sua leitura dos antigos escritos judaicos, lendo-os utilizando-se do método alegórico utilizado por Fílon de Alexandria.

O conceito que constitui o eixo básico das reflexões de Clemente é o conceito de *logos*, entendido em triplo sentido: a) Princípio criador do mundo, b) princípio de toda forma de sabedoria, que inspirou os profetas e os filósofos, e, c) princípio de salvação (*logos* encarnado).<sup>48</sup>

O *logos* é, portanto, o início de todas as coisas, mas também o fim delas. O “alfa e o Ômega”<sup>49</sup>, tudo provêm dele, e tudo retornara para ele. A justa medida que era marca da filosofia grega e da antiga virtude da sabedoria judaica que se integram aos ensinamentos de Cristo no *logos*. Existe a possibilidade da harmonia entre a matéria e a virtude através do *logos*. A pedagogia torna *logos* uma espécie de “remédio” na qual é capaz de extrair do ser humano suas virtudes, e assim salvá-lo.

Buscando apresentar o conceito de *logos* como verdade universal, Clemente concede às filosofias a mesma fonte de revelação dos escritos hebraicos, voltando assim, o *logos* um conteúdo universal. Entretanto a origem grega de Clemente fez ele trilhar um caminho parecido com o dos apologistas, que assumiam que, se é possível chegar a um conceito de verdade tanto pelo intermédio da fé, quanto por meio do uso correto da razão. Assim, Clemente trata o gnosticismo como parte do cristianismo, pessoas que estão sob a influência da revelação do *logos* por intermédio da razão. De acordo com Clemente esse uso da razão era necessário aos gregos para que por meio da filosofia houvesse um aprofundamento na fé. Dessa forma o gnóstico perfeito e o cristão perfeito poderiam se encontrar através da interlocução do *logos*, fosse ela pela razão ou pela experiência de fé.

Clemente foi muito criticado por embasar sua teologia na filosofia grega, sempre aprofundando suas explorações e a resposta dele para tal questionamento era de que a

---

<sup>48</sup> REALE, 1990, p. 411.

<sup>49</sup> REALE, 1990, p. 411.

filosofia os transforma mais virtuosos. Ora ser virtuoso é um bem, e se é um bem vem de Deus, logo a filosofia é um bem. Por fim a união entre a beleza e a sabedoria universal estava traçada a partir da fusão de horizontes com a filosofia grega. Para Clemente todo cristão deve exaltar a beleza, por tanto exaltar aquilo que é divinizado e desprezar todo conceito mundano.

## Conclusão

Pensar a razão de ser do Cristianismo sem pensar a encarnação de Jesus como filho de Deus, perde-se em si a maior identidade cristã, Deus se fez carne. Embora João em seu prólogo relate que o *logos* divino tenha encarnado, ele amplia o horizonte de significados a Jesus e ao mesmo tempo amplia os horizontes da filosofia grega. A filosofia grega não tinha uma imagem popular de um único deus. Deus poderia ser o próprio bem, cabia similarmente diferentes interpretações e narrações a respeito da divindade.

A visão de diversas figuras de divindades permeava todo o horizonte oriental e a figura de um filho concebido de um deus em relação com a mulher era algo possível ao imaginário popular, no entanto, o próprio deus se fazer matéria era demais para os gregos. Com a compreensão de que o mundo material era sempre mau, e que existia uma espécie de escravidão na matéria, a teologia apresentada por João em seu prólogo parece afrontar as gnosiologias gregas.

Ao declarar que o *logos* grego era o mesmo deus cristão, João está automaticamente abrindo um diálogo que leva quase quatro séculos para ser fechada. Se Jesus é Deus, João abre a discussão se ele era divino em sua essência, ou se ele era divinizado em sua natureza terrestre. Para a matéria parece ser inconcebível a ideia de ter um deus habitando em si, as primeiras discussões dos cristãos na origem estão todas ligadas como pode a “substância” “deus”, habitar em uma matéria humana escrava.

A encarnação de Deus em Jesus Cristo é uma experiência tão significativa para os judeus que a viveram que se torna determinante pensar a partir de tal experiência para os primeiros cristãos. Mesmo com o horizonte do pensamento grego, os judeus sustentavam consigo bem como o viés escatológico da tradição judaica. Jesus consegue fundir esses dois horizontes em si mesmo, de modo que os primeiros cristãos passam a ressignificar toda epistemologia de sua fé. Da mesma forma que, para os cristãos, os

arcaicos escritos judaicos não poderiam mais ser lidos da mesma forma, o horizonte de compreensão da vida passa a ser ressignificado a partir de Jesus como *logos*. O conceito de veracidade que era muito significativo ao mundo antigo, precisa passar por uma nova avaliação a partir da aceitação do *logos* divino. Para os cristãos, a verdade do *logos* não se afasta da matéria, mas habita na própria matéria com o intuito de mediá-la ao mundo sensível.

A encarnação é uma marca fundamental apresentada pelo evangelista João ao afirmar que o *logos* teve “graça e verdade”<sup>50</sup> depondo em seu favor. Se o *logos* habitou e revelou tal conceito de genuinidade, queria dizer então que aqueles que tiveram contato com ele eram libertos de alguma maneira da escravidão da matéria. O evangelista João tenta narrar essa experiência afirmando que “conhecereis a verdade” e que “a verdade vos libertará”<sup>51</sup> talvez como uma referência a essa noção de verdade no mundo anoso.

A partir de Clemente de Alexandria o conceito de *logos* ganha sentido amplo em todo o terreno cristão. Existem diferentes recepções a esse ponto de vista, sem o embargo do conteúdo de “força criadora” ou “razão universal” nunca tenham abandonado a noção de *logos* na tradição cristã. Não obstante a partir do concílio em Nicéia ainda exista a discussão sobre a natureza divina de Jesus, o conceito do *logos* encarnado já era o mais aceito pelos cristãos dos primeiros séculos. Quando entende-se o momento que o *logos* repousa sobre a tradição cristã está proferindo o cânon da bíblia e a aceitação da teologia Joanina como teologia oficial da Igreja. Encontra-se, portanto, dizendo que apesar de ter existido diferentes compreensões do conceito de *logos*, de maneira definitiva e universal, como era proposta por Clemente de Alexandria, a teologia do *logos* entra para a vida da igreja cristã.

Com o Grande número de Cristãos que se convertiam todos os dias (mesmo que por pressão do estado), a Igreja passa a ter grandes dogmas, e perguntas não respondidas. Em 325 d.C. o Imperador Constantino convoca o que irá ser reconhecido como I Concílio Ecumênico em Nicéia. Esse Concílio reúne diferentes Bispos e autoridades Cristãs, para gerar uma “Formulação básica de Fé”, que transmuda-se o primeiro Credo Cristão.

---

<sup>50</sup> Bíblia, Evangelho de João 1,14 : “e o verbo se fez carne, habitou entre nós cheio de graça e verdade...”

<sup>51</sup> Bíblia, Evangelho de João 8,32: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

Após vários novos dogmas a respeito da natureza divina de Cristo o primeiro Concílio em Nicéia utiliza o termo “transubstanciação”, para tentar descrever com o máximo de clareza questão da Natureza de Jesus. Devido à discussão em três concílios consecutivos, os cristãos perfazem a uma resolução em Nicéia/Constantinopla sobre a natureza divina em Jesus e sua encarnação, bem como o nascimento de uma virgem. Essas verdades decididas pelo povo cristão em 381 d.C. embasam toda nossa confissão de fé contemporânea quanto à natureza de Cristo.

Após o concílio em Calcedônia, o assunto quanto à natureza divina, encarnação de Jesus, parecem plenamente resolvidos. Ainda que a Igreja sempre tenha que afrontar seus dogmas contemporâneos, o assunto dá-se como resolvido à fé cristã, Jesus é o próprio Deus encarnado. Analogamente nas confissões de fé após o século XVI, XVII e XVIII, muito pouco volta-se a tocar no assunto da divindade de Cristo. Na precisão, as resoluções dos primeiros concílios acerca da fé cristã tratam alguns assuntos como absolutos, e norteiam a fé da Igreja até hoje.

Com o respectivo artigo é possível perceber o fator de influência cultural recebida pelos primeiros Cristãos. Na verdade, as teologias sociais que fundamentam a fé cristã mostram que o cristianismo nasce sobre uma estrutura prévia da junção de filosofias e teologias que o predisseram. O texto bíblico de Atos dos apóstolos capítulo 2 narra que na mensagem a respeito de Jesus Cristo anunciada a onze povos de diferentes nações, filosofias e teologias que conseguem compreender a universalidade da mensagem de Cristo. O Conceito do *logos* é construído a partir da interação cultural com a filosofia grega e judaica.

Uma das coisas que a Igreja mais necessita hoje é ter uma consciência sensível para o mundo que nos cerca. Se somos de fato Servos de Jesus Cristo, nossos olhos (à semelhança dos olhos de Jesus) precisam estar abertos para a necessidade humana e os nossos ouvidos atentos para o grito de angústia. Assim como Jesus podemos reagir de maneira compassiva diante do sofrimento do povo.<sup>52</sup>

Portanto percebemos que não existe apenas uma voz a respeito da tradição cristã. Notamos que a tradição dialoga com fatores culturais e filosóficos. Quando percebemos esse diálogo de maneira mais clara conseguimos também transpor a mensagem deixada por Jesus, constituindo também pontes para que o evangelho seja compreendido de maneira eficaz. A datar dessa maior compreensão das epistemologias

---

<sup>52</sup> STOTT, John. *Ouçã o Espírito ouçã o Mundo*. São Paulo: ABU Editora, 1997, p. 246.

da fé, é possível traçar paralelos entre a fé cristã e uma cultura pluralista, mas que igualmente tem seu lugar contextual na história. Transpor essas barreiras é ressignificar de maneira contemporânea talvez até o próprio espírito de fé.

Rente ao advento do iluminismo, o cristianismo ganha um grau de racionalidade elevadíssimo, onde provar a existência de Deus reverteu-se em questão científica. E da mesma maneira a ciência moderna encontrou o papel de questionar empiricamente tudo que se pregou sobre Deus. Num terreno de incertezas a teologia contemporânea se filia aos métodos históricos e busca ferramentas para tal autenticidade. É nesse cenário que podemos contextualizar as convicções que tem-se a respeito da fé, e testemunhar de maneira que a vida cotidiana seja a prova empírica que falta ao evangelho na contemporaneidade.

O que resta é uma fé abalada com certezas questionáveis, e um futuro inseguro para a Igreja Cristã. O episódio é que as filosofias contemporâneas também são filhas de seu tempo. É indispensável entender que nos dias atuais a importância cultural sobre o *logos* de Deus e se construir pontes para um relacionamento intenso e saudável com as filosofias contemporâneas. A busca pela relação Transcendental é crescente em tempo pós-modernos. A polarização tem sido um dos maiores problemas sociais levando uma geração vazia a morrer solitária. Com a globalização todos se tornaram distantes e invocou-se cada vez mais importante falar sobre o *logos* que emana no povo. Talvez a grande argumentação do século não seja apenas filosófica, mas um convite a revisita as tradições que dizem que o *logos* transcendente manifesta de forma imanente.

## Referências

- DUHOT, Jean Joel. *Epicteto e a sabedoria Estóica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006
- GONZALEZ, Justo L. *Uma História Do Pensamento Cristão*. Vol. II. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Santo André: Editora Academia Cristã, 2014.
- LUZ, Ana Rosa Lessa. *O Logos Inspirado*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal Do Rio de Janeiro, 2009.
- MORAES, Dax. *O Logos em Filon de Alexandria*. Natal: Editora EDUFRN, 2017.



REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. vol. I. São Paulo: Paulus, 2014.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. vol. I. São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. vol. I. São Paulo: Paulus, 1990.

STOTT, John. *Ouçá o Espírito ouçá o Mundo*. São Paulo: ABU Editora, 1997.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Aste, 2000.